

HG 9228 V

B. N. L.

9228

H.-G.

OFFERTA

OPINIAO DE UM NORTE-AMERICANO SOBRE A GUERRA EUROPEA.

Resposta á Allemanha.

POR

FREDERICK W. WHITRIDGE.

58510

—◆—
Preço, 75 reis.
—◆—



LONDRES :
TYPOGRAPHIA DE WERTHEIMER, LEA E CIA.,
CLIFTON HOUSE, WORSHIP STREET, E.C.

1915

8.4
9228

PREFACIO.

Na grande luta actual na Europa, os Estados Unidos acham-se neutraes, e em todas as circumstancias imaginaveis devem ficar e ficarão neutraes. Não comprehendo, pois, por que razão os disputantes consideram que as sympathias e as opiniões da America tem importancia alguma. Informaram-me, porem, que o Governo allemão estabeleceu aqui uma repartição de publicidade muito perseverante, muito dispendiosa e naturalmente muito efficiente, tendo por fim recorrer á sympathia dos americanos e tentar de lhes fazer acreditar varias cousas que actualmente elles não acreditam de modo algum. Se essas tentativas valem a pena de ser feitas, vale igualmente a pena fazer saber a essa repartição de publicidade — assim como aos poucos entremettidos, mais ou menos americanos, que ella tem seduzido com promessas de réclame — que na opinião dum homem ao menos, uma grandissima parte da população deste paiz está persuadida que a civilização debaixo da qual nasceu e foi educada, acha-se compromettida por uma violação inutil da paz do mundo, motivada pelo imperio allemão. O General Bernhardi declarou que a luta tem por fim o dominio mundial da Allemanha ou a sua perdição. Se fôr isso a consequencia, favorecemos a perdição.

O mesmo philosopho militar diz : “ Os plutocratas americanos não percebem que o desenvolvimento da humanidade tem considerações muito alheias á prosperidade material, ao commercio e á acquisição de dinheiro.” Mas “ o desenvolvimiento da humanidade ” não quer dizer só essas cousas, mas tambem quer dizer que um numero cada vez maior de seres humanos terão plena liberdade de desenvolverem os seus proprios espiritos sem estorvo ou sem auxilio do Governo, e tambem quer dizer que uma autocracia militar, ou um grupo relativamente pequeno de pessoas, infatuadas com a grandeza do seu proprio poder e denotadas por qualquer outro nome, terão menos e menos liberdade de nos impôr a lei primitiva dos mais fortes.

F. W. W.

INDICE.

| | Pagina. |
|---|---------|
| Observações sobre a guerra | 7 |
| A responsabilidade pela guerra | 7 |
| O engano da Allemanha | 8 |
| Os mercenarios | 10 |
| Os Allemães de então e de hoje | 12 |
| Pedaços de papel | 16 |
| Exemplos da " cultura " allemã | 16 |
| Os apellos para a America | 19 |
| A Allemanha e o dominio colonial | 21 |
| A resposta da America aos apellos | 23 |

Observações sobre a Guerra.

Ha muitos annos que certos publicistas allemães falam nos seus escriptos do "dia em que se hão de fazer as contas com a Inglaterra." Não explicam muito claramente qual é a conta que se deve fazer, mas em geral o dia é o dia no qual decidir-se-ha se muitas cousas desejaveis que se acham na posse da Inglaterra lhe serão arrancadas para serem germanisadas. Ha quasi o mesmo numero de annos tambem a mocidade da Allemanha, especialmente na esquadra, tem brindado "O dia."

Chegou finalmente "O dia," trazendo consigo a mais colossal e malvada guerra que se tem visto em toda a era christã. Dezoito milhões de homens ou mais, na flôr da idade, esforçam-se para se matarem uns aos outros, guerreando por terra e por mar, debaixo das aguas e nos céos.

"Cahia um orvalho medonho

Das esquadras aereas das nações que combatiam
no azul central."

Para nós, protegidos pela insuperavel barreira do oceano, "O dia" parece ser o *Dies Irae* mesmo — um dia de furia e de destruição, e a civilização que a humanidade tem tão laboriosamente levantado durante trezentos annos, como as formigas ou os insectos do coral, vai-se em pó. A' medida que se tornam apparentes a miseria, a bestialidade e a desolação desse "Dia," todos os combatentes recorrem á opinião publica para se livrarem da responsabilidade dos seus horrores.

A Responsabilidade pela Guerra.

A Allemanha fez uma declaração formal e detalhada da sua posição. A Inglaterra e a Russia publicaram por inteiro a correspondencia até ao principio da guerra, e de fontes allemães ou de amigos da Allemanha tem vindo muitos apellos para a sympathia e a approvação da America. Os professores tem appellado para as universidades, os clerigos para as igrejas; os Americanos profissionaes de origem allemã para todos, e entre muitos outros, um folheto intitulado nada menos do que "A verdade," foi publicado, assignado por Herr Ballin, da linha de vapores Hamburg-America, pelo Principe Bülow e por numerosos nomes importantes, e foi distribuido entre os compatriotas de Washington e de Lincoln.

Talvez fosse resposta sufficiente a estes apellos fazer observar que a Triplice Alliança tinha, segundo os seus termos, fins

defensivos, e a Italia, a tereceira pareeira da Alliança, quando as outras appellaram para ella respondeu: “Mas vós não fostes atacados. Vós tomastes a iniciativa, e por esse motivo ficamos absolvidos do nosso contracto.” Ou então poder-se-hia dizer, o que disse o *New York Times*, de domingo 27 de Setembro, o qual publicou e pesou toda a correspondencia e toda a evidencia :

“O easo é tão claro que se torna impossivel continuar a arguil-o. Confiamos que os nossos amigos allemães, se continuarem com as suas tentativas para conciliar a opinião publica americana, deixarão ao menos de insultar á nossa intelligencia repetindo a accusação que a Inglaterra é responsavel pela guerra, ou que a Russia principiou a guerra contra a Allemanha em consequencia dos seus projectos pan-eslavonicos.”

Creio que o *Times* tem razão. Não creio que seria possivel escolher um *jury* nos Estados Unidos — fóra de Hoboken ou de Milwaukee — cujo veredicto não fosse que a Allemanha principiou esta guerra e que a Inglaterra entrou nella unicamente a pedido do rei Alberto da Belgica ao rei Jorge para que protegesse a neutralidade da Belgica.

Para mim, é claro como o sol que a violação da neutralidade da Belgica foi o motivo immediato da guerra, ao menos no que toea á Grã-Bretanha, e ha bastante evidencia para demonstrar claramente que a Allemanha ha muito que se estava preparando para a guerra, e tencionava causal-a pouco mais ou menos agora, mesmo antes de se encontrar um pretexto definitivo. Em quatro ocaesões durante o mez de Julho fizeram-se encommendas em preparação para a guerra, e a opinião que tão repetidamente se tem inculcado na Allemanha que as tres Potencias atacaram-na sem a prevenir é um conto de velhas.

O Engano da Allemanha.

O que não é elaro é de que modo a Allemanha se deixou enganar tão desgraçadamente com respeito ao estado dos povos que ella estava para fazer seus inimigos, em especial do imperio britannico, e com respeito ao modo pelo qual o mundo julgaria a sua violação da neutralidade da Belgica. Parece elaro que acreditava que o exereito francez achava-se em máu estado, segundo declarou um orador nas eamaras francezas. O resultado pode-se dizer que quasi demonstrou que o orador não tinha razão. Acreditava que a reorganização do exercito russo não se poderia completar antes de dois annos. Acreditava que haveria uma guerra civil na Irlanda dentro de seis semanas, que haveriam rebelliões na India e no Egypto, que a Africa do sul se deitaria nos seus braços, e que a Grã-Bretanha, se combatesse, nunea o faria de propria vontade.

O que aconteceu pois ? O exercito francez parece estar em estado perfeito, os russos parecem ter abundancia de tropas, e na Inglaterra John Redmond cantou “ *God Save the King* ” no palacio de Westminster, e está dizendo aos seus eleitores no sul da Irlanda que tinha promettido ao arcebispo de Malines que os irlandezes viriam por milhares para vingarem a destruição das cathedraes e das igrejas, os padres fuzilados e a pillagem e ruina das cidades belgas. Na India, setecentos principes offereceram ao Governo imperial os seus exercitos, as suas joias, e contribuições de dinheiro, chegando algumas a 300,000 libras esterlinas. No Egypto, quasi que não se ouve uma palavra. Na Africa do sul, o general Botha, o primeiro ministro, declarou que embora os boers tivessem tido as suas questões com a Grã-Bretanha, esta não tinha quebrado a sua fé com a Africa do sul, e em todo caso os sul-africanos prefeririam dez vezes acharem-se sob o dominio da bandeira ingleza que sob aquelle da bandeira allemã. O general Smuts disse a mesma cousa do que o general Botha, e tres ou quatro generaes boers offereceram-se como voluntarios para servirem nos exercitos de French e de Kitchener. Não se podia esperar que a opinião publica fosse tão unanime como a do parlamento sul-africano, e na actualidade a Allemanha pode alentar uma opposição sem importancia alguma. Visto tudo isto, é claro que a Allemanha foi muito mal servida pelos seus embaixadores e ministros, ou então, obsessa pela sua propria grandeza e popularidade, foi levada a commetter uma serie de disparates ridiculos.

Em 1870, o governo do Sr. Gladstone fez as mesmas perguntas ao principe Bismarck que Sir Edward Grey fez este anno ao Sr. Bethmann-Hollweg e ao governo francez; mas Sir Edward Grey recebeu da Allemanha uma resposta inteiramente diferente daquella que o principe Bismarck deu ao Sr. Gladstone. O Sr. Asquith, em Edimburgo, a 17 de Setembro, declarou que a attitude britannica era a seguinte: “ Em 1793,” disse elle, “ William Pitt declarou que a Inglaterra nunca consentiria que outro paiz usurpasse a função de annullar ao seu bom prazer o systema politico da Europa, estabelecido por tratados solemnes e garantido pelo consentimento das potencias.” Continuou dizendo que “ Esta Camara ” — a Camara dos Communs — “ tenciona observar com toda a fé os seus compromissos. Se ainda conserva um sentido justo da fé solemne dos tratados, deve-se mostrar determinada a supportal-os; mas vejamos agora o que aconteceu em 1870, quando este mesmo tratado que nós assignámos, não menos do que a Allemanha, e que garante a integridade e a independencia da Belgica, achou-se em perigo. O Sr. Gladstone era então o primeiro ministro deste paiz, e era, se isso fosse possivel, ainda mais em favor da paz do que o Sr. Pitt mesmo. O Sr. Gladstone, não obstante os seus sentimentos pacificos, sentia com tanta força a santidade das nossas obrigações — embora nesse caso tambem não nos achassemos directamente interessados — que combinou com a França e a Prussia de cooperar com um dos

belligerentes caso o outro violasse o territorio belga. Num discurso pronunciado dez annos mais tarde, em 1880, na cidade de Edimburgo, o Sr. Gladstone elle mesmo revistou a transacção e explicou os motivos que o tinham levado a conclui-la. Proferiu as seguintes palavras: "Se tivéssemos entrado na guerra" — o que elle estava pronto a fazer — "teríamos entrado para sustentar a causa da liberdade. Teríamos entrado na guerra para sustentar a causa do direito publico e para salvar a felicidade humana de ser invadida por [uma potencia] tyrannica e sem leis. Isso," disse o Sr. Gladstone, "é o que eu chamo uma causa justa, meus senhores, embora deteste a guerra, e não ha palavras fortes bastantes, se vós m'as fornecerdes, para dar expressão á minha detestação." A resposta da Allemanha a todas estas declarações do Sr. Asquith é, "Isso são tudo historias, cantigas e hypoerisias! Os inglezes estão combatendo contra nós por terem ciúmes e pelo seu proprio interesse, e estão mentindo a respeito dos seus motivos." Pois bem, se isso assim é, só um tolo, titulo que o Sr. Hanotaux dá ao diplomatista allemão, teria dado aos inglezes um pretexto tão magnifico, para esconderem o seu verdadeiro motivo como o foi a repudição allemã do tratado belga.

A suppôr que os allemães este anno tivessem feito a mesma cousa que o principe Bismarek fez em 1870, e que tivessem invadido a França como o fizeram naquelle anno pela via da Alsacia e da Lorrena, a esta hora teriam chegado ao mesmo ponto na França em que se acham actualmente, teriam vindo com as mãos limpas, teriam escapado as perdas que soffreram por parte dos belgas, provavelmente não teriam tido a Inglaterra contra elles, ou então a hypoerisia ingleza teria sido desmascarada e não teriam perdido todos os amigos que tinham. Qual pode ser a nossa opinião duma tal diplomacia? E como se não tivessem commettido bastantes disparates, os allemães acabam pelo erro capital de desprezarem completamente os seus adversarios. O imperador mesmo disse dentro destes ultimos doze mezes, emquanto saudia o braço pelo ar: "Passaremos pela Belgica deste modo." Pois não passou, e os allemães tem prodigalizado o seu desprezo sobre o pequeno exercito inglez, aeabando por denunciá-lo como sendo composto de mercenarios, expressão esta que tenho ouvido repetir pelos que sympathizam com elles neste paiz.

Mercenarios.

Mercenarios! Pois, meus amigos, vós não sabeis o que quer dizer essa palavra. Na verdade, os allemães forneceram a principal soldadesca mercenaria durante a idade meia, mas os ultimos mercenarios de quem ouvi falar eram os da guarda suissa de Luiz XVI,

euja gloria se acha perpetuada pelo leão de Thorwaldsen em Lucerne, e os hessianós, alguns milhares dos quaes vieram para este paiz para ajudar Jorge III a apaziguar a revolução americana. Não ganharam honra nenhuma, nem para si mesmos, nem para o principe que os vendeu, nem para o rei que os comprou. O nome mesmo de hessiano tornou-se hoje um vituperio nos Estados Unidos. Até ouvi dizer que tinha sido applicado por alguns leaders de Tammany aos editores de jornaes allemães com os quaes estavam negociando para a venda dos votos de americanos de origem allemã. Peço licença aqui para trazer á lembrança desses senhores uma observação do Kaiser pela qual lhe devemos todos muita gratidão; disse: “Allemães, conheço, Americanos, conheço, mas Germano-Americanos não conheço.” Como é possível conceber-se relação alguma entre semelhantes mercenarios e o exercito compulsorio da Allemanha ou o exercito voluntario da Grã-Bretanha, e qual pode ser a differença ethica entre os soldados que servem as suas patrias por uma pitaça diaria porque a isso são forçados, e outros que o fazem porque assim desejam? Semelhantes erros de juizo e de factos mostram que já não se lê Schiller na Wilhelmstrasse, ou que então se esqueceram da sua famosa linha, “*Mit der Dummheit kämpfen Götter selbst vergebens*” (Com a estupidez, até os deoses combatem inutilmente).

Existe, porem, uma differença fundamental entre os dois exercitos. O soldado allemão é um dente numa roda numa enorme machina; fala-se delle, e muitas vezes é tratado como simples *Kanonenfutter* (forragem para canhões). Os seus officiaes forniam uma casta á parte e comportam-se como se fossem feitos dum barro differente do que o dos seus homens. Tem havido muitos exemplos nesta guerra em que, depois de se capturarem officiaes, estes queixaram-se amargamente ao encontrarem-se nos mesmos vagões ou nas mesmas salas de hospital, ou quando se lhes dava a mesma comida do que aos seus proprios soldados.

O soldado inglez é um individuo. Ha uma certa *camaraderie* entre elle e os seus officiaes, motivada pelo amor universal do sport e a democracia que dahi resulta nos campos de cricket e de jogo de todas as aldeias e cidades do Reino Unido. O padre Molloy, um padre que tem servido na capacidade de capellão com uma parte das forças britannicas e que atravessou o oceano o outro dia commigo, disse:

“O general French, embora tivesse combatido todo o dia, sempre tentava de passar algum tempo no hospital de campo de noute com os feridos. Entrava de passeio, ás vezes acompanhado por uma ordenança, mas muitas vezes sósinho. Perguntava aos feridos como estavam, e quando se encontrava um ferido nas pernas, batia-lhe nos hombros e dizia: ‘Muito bem, meu velho. Para a outra vez has de dar nos allemães. Quando esperas estar fóra daqui e voltar para o regimento?’

“E ás vezes o general atardava-se tanto que não lhe era possível voitar essa noute para o quartel geral. Então enrolava-se num cobertor e deitava-se sobre algum catre desoccupado ou no sobrado ao lado dalgum “Tommy” ferido e adormecia. Posso-lhe assegurar que todos os soldados inglezes tem a maior confiança em Sir John French — não só um soldado, mas tambem um verdadeiro homem.”

Aqui temos o rasgo de humanidade que torna os homens invenciveis. Posso imaginar que a mesma cousa tivesse acontecido com um dos generaes do Grande Frederico, mas que general allemão da geração actual se teria abaixado deste modo ?

Os Allemães de Então e de Hoje.

Nestas observações com respeito á Allemanha, á Inglaterra e á guerra, ousa crêr, sem por isso ser menos modesto do que os professores e publicistas que estão appellando para a sympathia da America, que sei qualquer cousa do assunto que se está discutindo. Houve um tempo em que eu morei na Allemanha, o lá passei dois dos mais felizes annos da minha vida. Viajei por todo o paiz e ouvi as lições publicas de Treitschke quando as suas enfermidades ainda não lhe tinham amargurado a vida. Tenho conhecido allemães de todas as classes, de cima para baixo. Descubri que eram tudo e mais de tudo quanto o general Bernhardt diz agora que elles não devem ser. Eram amigos da paz, simples e affaveis. Os seus conhecimentos, a sua industria e a sua economia foram uma revelação para mim. O exercito allemão appareceu-me como um grande meio de edueação, e quando voltei para o meu paiz foi com grande respeito para a administração do governo allemão e profunda affeição para o povo allemão. Tenho observado o seu desenvolvimento por muitos annos desde então com admiração e a sua concurrencia com os inglezes com um certo divertimento, porque despertaram os meus amigos inglezes quando estes não desejavam ser desperitados.

Depois de bom numero de annos voltei á Allemanha, e uma das primeiras cousas que me fez impressão foi a quantidade de estatuas nacionaes giganteseas o muito feias, que profanavam a terra por toda a parte; e quando perguntei porque razão se permittiam taes monstruosidades, respondeu-se-me “*Man muss stolz sein.*” (O homem deve ser soberbo.) Finalmente, ao ver o monumento erigido á memoria do velho Imperador, entre o velho castello em Berlim e o rio Spree, disse para mim mesmo: “Por certo eu estava a dormir. Isto não seria tolerado por um povo que comprehendesse o que é a bolleza, ou a perspectiva, ou a proporção. Isto não pode ser Berlim e a imperial Allemanha. Deve unicamente ser algum

Pumpernickel um pouco maior.” Por todos os lados havia evidencia duma grande mudança nas cidades e entre o povo. Haviã grandes melhoramentos urbanos, e a limpeza e ordem de tudo eram notaveis. O paiz tinha enriquecido e gosava duma grande e visivel prosperidade. Berlim tinha-se desenvolvido mais rapidamente do que nenhuma cidade americana — até em Hinter Pommern parece-me que so estava fazendo dinheiro. O comportamento e a conversa do povo tinham mudado como tudo o resto ; a antiga simplicidade e modestia tinham desaparecido, falava-se muito de escandalos abominaveis na alta sociedade, e em geral observavam-se entre o povo os peores vicios duma plutocracia ignorante.

Os “ milords ” inglezes, com a boca sempre cheia de Waterloo, eram antigamente a gente mais desagradavel da Europa. Foram desapossados pelos americanos, com a sua extravagancia vulgar e as suas comparações ignorantes de tudo quanto viam, com o que se recordavam de “ *God's own country* ” (O paiz de Deus, nome dado por certos americanos aos Estados Unidos). Mas durante estes ultimos dez annos, os allemães facilmente tem-se tornado a gente mais reprehensivel que se vê nos hoteis e nas estradas do Continente. O Sr. Price Collier chamou-lhes os “ rustieos da Europa,” com grande desprazer da imprensa de Berlim, quando elle appareceu nas funcões da corte em Unter den Linden. Esta mudança na attitud mental do povo era especialmente notavel com respeito á Inglaterra. Diz-se frequentemente aqui e em outras partes que é o Kaiser mesmo que causou esta guerra, ou que a poderia ter evitado. Creio que os que fazem essa accusação não tem ideia alguma do estado de espirito do povo que se acha por traz delle e dos seus conselheiros. Os allemães antigamente eram, pode-se dizer, bastante amigos da Grã-Bretanha : admiravam-na e era para elles a antiga alliada e amiga, embora a defunta mulher do principe herdeiro, mãe do imperador actual, foi causa duma grande parte da antipathia para a Inglaterra ; mas as classes operarias e commerciaes allemãs, mesmo hoje, não desejam a guerra, por muitas razões praticas, mas por baixo do exterior pacifico e amigavel que elles apresentavam, havia um sentimento profundo e geral contra a Inglaterra. Não é o inglez individualmente que é antipathico aos allemães, mas sim a Inglaterra como potencia ; desprezam-na como desprezam todas as outras nações, com excepção talvez da America, que temem como rival commercial. Os escriptores allemães desde o principio da guerra dizem todos que a Inglaterra tem ciumes da Allemanha e por isso aproveitou a occasião para atacal-a, mas em todas as minhas conversações com allemães descobri que a verdade era justamente o contrario. Tenho observado uma curiosa mistura de inveja e desprezo da Inglaterra — inveja porque os inglezes possuem certas amenidades da vida que os allemães se esforçam para copiar o mais rapidamente possivel ; e desprezo, pelo qual nunca ouvi melhor razão senão que, segundo a sua opinião, os officiaes inglezes

tem vergonha das suas fardas, e despem-nas para se pôem em traje civil a penas o podem fazer. Por outra parte, os inglezes não gostam dos allomães por estes os terem acotovelado no commercio, cousa que provavelmente faz bem aos inglezes; mas quanto ao terem inveja dos allemães, não posso imaginar inglez algum que não dissesse: “Invejosos dos allemães! porque razão o seríamos?”

Os allemães, porem, estavam prontos a acreditar que a Inglaterra achava-se gasta politicamente, commercialmente, e sobre os mares, e que o seu exercito era negligivel. Este sentimento tem-se despertado de vez em quando durante estes ultimos vinte annos, como por exemplo quando o Kaiser mandou o seu celebre telegramma ao presidente Kruger durante a guerra sul-africana, na epoca da conferencia de Algeciras, e durante a crise marroquina. O Kaiser mesmo tem sido accusado de ser amigo de mais da Inglaterra, o agora que toda esta inveja, antipathia e odio abafado rebentaram nas rubras chammas da guerra, o governo, a imprensa e o povo largaram as redeas desenfreadamente. Diz-se que o Kaiser proferiu as seguintes palavras: “E’ a minha vontade real e imperial que o pequeno e desprozível exereito do general French seja em primeiro logar esmagado.” E o *Hamburger Nachrichten*, o velho orgão politico de Bismarek, disse, em 28 do agosto:

“Entrámos no campo contra a Russia e a França, mas no fundo é a Inglaterra a quem estamos combatendo por toda a parte. Temos quo demonstrar á Russia a superioridade da nossa cultura e do nosso poder militar. Temos que forçar a França a cahir de joelhos até que se ache esganada. Ainda não chegou o momento de se offerecerem termos. Mas entre a Russia e a Allemanha não existem problemas insoluveis. A França, tambem, está combatendo principalmente pelo pundonor. E’ á Inglaterra que devemos arrancar o preço extremo desta luta gigantesca, embora outros tenham que pagar caro pela ajuda que lhe terão dado.”

Ahi está o tom que pereorre toda a imprensa allemã — é isto “*die letzte und grosse Abrechnung — mit England*” (A ultima e a maior conta — com a Inglaterra.)

Não discutirei aqui qual seja a origem destas mudanças no animo de povo allemão, nem qual sejam os motivos ultimos da guerra mesmo. Os diferentes ideaes nacionaes, as antipathias entre as raças, as differenças fundamentaes entre as civilizações da Allemanha e da Inglaterra são assuntos vastos de mais para se poderem tratar dentro dos limites destes artigos. Se a guerra foi motivada desta vez pelo amor da guerra mesmo, o so é uma mera offervescencia da arrogancia da hierarchia militar; ou se é o desejo da Prussia para obter mais influencia e mais poder, desejo quo enchia o Principe Hohenlohe de duvidas com respeito ao futuro do imperio cada vez que elle se encontrava, como dizia, entre “as suas excellencias prussianas”; ou se é a propaganda pan-germanica a qual não

significa nada menos do que a dominação do mundo, ou ao menos da Europa, pela raça germanica; ou se, segundo certas accusações, a guerra foi acelerada pelos grandes interesses financeiros dirigidos por Gwinner, Thyssen, Rathenau e outros, para os seus proprios fins patrioticos; ou se, finalmente, foi motivada pela philosophia de Nietzsche, ou por todas estas causas, não ousarei dizer. A resposta encontrar-se-ha no livro de Bernhardt, *A Allemanha e a proxima guerra*; na admiravel resposta do Professor Cramb, intitulada *A Allemanha e a Inglaterra*; e nas numerosas obras sobre o pan-germanismo, das quaes a do Professor Usher é-nos a mais conhecida.

O motivo que por certo deu côr a todos os outros é a philosophia de Nietzsche, da qual um erudito americano disse: “A personalidade guerreira do Allemanha é Nietzsche — que se baseou numa philosophia que tom tido mais profunda influencia sobre o espirito allemão do que qualquer outra depois de Hegel. Nietzsche adorava a força. A sua ethica era esta: ‘Fazei, sêde e tende tudo quanto tiverdes a força de fazer. A compaixão é um vicio. A evolução significa a sobrevivencia dos que são aptos a sobreviver e a destruição dos que não são aptos. O christianismo, com a sua sympathia para os pobres, significa a decadencia e não é senão uma molestia. O mundo pertence aos que tem a força de o obter, e os tratados, os pactos pacificos, as arbitragens, são meros pontos estrategicos para enganar as outras nações, e quando se levanta a realidade medonha da guerra tudo desaparece e se esquece. Na verdade, a sympathia para com os pobres, para com os que soffrem, e o poder sentir essa sympathia, são por si mesmo fraquezas, e a ultima prova do direito é a força. O mundo pertence aos que o podem obter, e os fortes que chegarem a essa supra-moral tem á sua mercê o mundo que acredita nas antigas virtudes.’”

Queasquer que sejam os motivos, a guerra rebentou, os seus horrores são patentes, e o animo com que a Allemanha a declarou achou uma justa expressão, segundo creio, no *Lokalanzeiger*, de Berlim, em 3 de agosto. Dizia esse jornal: “Começamos hoje a luta final que decidirá para sempre a nossa grande posição no mundo, da qual nunca abusámos; e quando a espada allemã se tornar a embainhar, tudo quanto esperamos e quanto desejamos terá sido consummado. Acharemos-nos perante o mundo como a mais forto nação, a nação que finalmente poderá dar para sempre ao mundo, pela sua moderação e pela sua paciencia essas cousas pelas quaes nunca deixou de combater — a paz, a luz e a prosperidade.”

Ora pois, isto é o que nós chamamos jaetancia, que não gostamos muito de ouvir da boea de outra gente, o quando os allemães pedem a sympathia destes Estados Unidos, ousou afirmar que pouca hão do obter, porque nós somos essencialmente um povo de nego-

cientes, um povo bom e civilizado, e porque não somos um povo cruel.

Pedaços de Papel.

Quando o Chanceller allemão chamou iradamente ao tratado belga “um pedaço do papel,” que se devia desprezar porque a Allemanha estava com pressa e porque era necessario que os exercitos allemães passassem pola Belgica para ganharem tempo, o *New York World* respondeu com magnificencia: “Pois tambem a Magna Charta era um pedaço do papel: o Bill of Rights (Decreto dos direitos), a Declaração da Independencia (dos Estados Unidos), a constituição dos Estados Unidos, tudo isto eram pedaços de papel, e se não existem no mundo nem fé nem honra, não são ainda senão pedaços de papel.” Mas não acreditamos isso. A capacidade de fazer contractos e de os poder executar é uma das pedras angulares da nossa civilização, o um dos caracteristicos dum homem honroso é o modo pelo qual executa as suas obrigações. Talvez o Chanceller gostasse de saber de que modo a gente pratica deste paiz considera as suas ideias. Acontece justamente que eu conheço um banco nesta cidade, do qual a maioria dos directores ou tem nomes allemães ou são de origem allemã. Ao principio todas as suas sympathias eram para a patria, mas quando foi publicada a ultima entrevista que sir Edward Goschen (embaixador da Inglaterra em Berlim) teve com o chanceller, disseram uns para os outros: “Mas a Allemanha assignou o tratado. E’ como se fosse uma nota promissoria. Seria, pois, possivel que não o reconhecessem?” Foi a mesma cousa com respeito a algumas das primeiras medidas allemãs para a guerra. O Governo confiscou todos os depositos que se achavam nas caixas economicas do povo, porque, diziam elles, este dinheiro tendo sido poupado, o povo mais facilmente se passaria delle; e muitos negociantes allemães escreveram, provavelmente por ordem, aos seus credores no estrangeiro, dizendo que não podiam pagar as suas dividas, mas que tinham subscrevido ao emprestimo allemão para a guerra em nome dos seus credores e pela quantia das suas dividas, e que esperavam que isso fosse satisfactorio, e que no caso contrario, recusar-se-hiam de continuarem os seus negocios com os credores que puzessem objecções a este modo de pagamento. Cousas destas dão grande escandalo aos negociantes honrados, e o unico americano que eu conheça que confessa ter sympathias allemãs diz a este respeito: “Essas cousas não podem ser verdade. Não ha quem as fizesse.”

Exemplos de “cultura” Allemã.

Tambem não gostamos do modo em que se comportam os allemães. Ao principio maltrataram os americanos abominavelmente,

tomandol-os por inglezes. Conheço senhoras americanas que se acharam em Dresden duas semanas depois de rebentar a guerra. Foram insultadas, presas como sendo espias russas e uma dellas, que era perfeitamente conhecida por um certo lojista, recebeu deste uma boa bofetada. A população parecia ter endoudecido completamente e o governo não fez esforço algum para a refrear, mas depois dalgumas semanas deram-se ordens em Berlim em consequencia das quaes começou-se a tratar os americanos com os melhores modos. O tratamento dado pelo governo allemão aos embaixadores da França e da Russia quando estes deixaram Berlim e á pobre imperatriz-mãe da Russia, é quasi incrível, e perante estes personagens os allemães demonstraram que possuíam apenas a cultura que existia no seu paiz antes da nascença de Grotius. Falam muito alto da “Kultur” allemã, mas esta “Kultur” parece não ter relação alguma com a civilização, e a sua grande indignação contra a Inglaterra por esta ter induzido o Japão a tomar posse do porto de Kiao-Chow é bastante divertida, se a gente se pode divertir no meio dos horrores desta guerra. A posse allemã de Kiao-Chow foi um roubo tão indecente como qualquer outro de que os allemães tenham jamais accusado a Inglaterra, e os japonezes não fizeram outra cousa senão copiar, em parte palavra por palavra, o *ultimatum* que os allemães lhes apresentaram ha muitos annos e que agora os japonezes lhes devolveram. Porque razão se zangariam por isso ?

Finalmente, parece aos americanos que os allemães estão proseguindo a guerra dum modo que é não só cruel, mas sim brutal e incivilizado. A theoria que a população civil dum paiz — como o sapateiro coxo de Zabern — deve ser amedrontada até ficar submissa, talvez se possa discutir, mas não se pode pôr em pratica pela abolição de todas os sentimentos humanos, e na Belgica consta que os allemães tem-se esforçado para pôr em practica alguns dos discursos do kaiser que eu suppunha se deviam considerar em grande parte meramente como rasgos de rhetorica, como se fala no drama wagneriano dos capacetes dourados, das couraças resplandcentes, das espadas puras e sagradas e de tudo isso. Mas não é assim. Os allemães emprehenderam uma campanha de destruição deliberada, ponderada, desarrazoada e desenfreada. No seu discurso do “punho armado” o kaiser disse: “Não deis quartel; fazei-vos tão terriveis como os huns debaixo de Attila.” Pois é isso que está fazendo o povo do kaiser. Conheço uma senhora americana que estava num hotel na Belgica na noute em que lá entraram os allemães ao principio de agosto. Deu-se a ordem de fechar todas a janellas — o thermometro marcava 36 grãos de calor — e fez-se saber que qualquer pessoa que olhasse para fóra das janellas seria fuzilada. Um homem foi fuzilado nesse hotel durante a noute, e ao amanhecer o dia seguinte mais de vinte pessoas, incluindo mulheres e velhos, foram fuzilados. Ha muitos exemplos bem authenticados de occorrencias semelhantes, e o

Figaro em 24 de setembro publicou uma copia duma proclamação que Leon Bourgeois, o antigo primeiro ministro, encontrou pregada ás paredes da cathedral de Reims. Esta proclamação era assignada "Por ordem das autoridades allemãs." Aqui está parte do seu conteúdo :

"Para maior segurança das tropas e com o fim de assegurar que a população de Reims fique calma, as pessoas aqui abaixo designadas foram presas como refens pelo general commandando o exercito allemão, e serão fuziladas apenas houver a minima desordem. Ademais, a cidade será queimada totalmente ou em parte e os habitantes enforcados se occorrer uma unica infração das instrucções precedentes." Seguem-se os nomes de numerosos cidadãos distinctos.

O chanceller allemão disse em 14 de agosto: "Esperamos que o sentimento de justiça do povo americano o habilitará a comprehender a nossa situação. Convidamos a sua opinião com respeito aos boatos prejudicados dos inglezes, e pedimos-lhe de examinar o nosso ponto de vista sem preconceitos. A sympathia da nação americana mostrar-se-ha então para com a civilização allemã, que está combatendo um barbarismo asiatico e meio civilizado."

Esforçamo-nos para examinar o seu ponto de vista; mas eu, pessoalmente, digo que o comportamento dos allemães na Belgica tem sido detestavel. Ha hoje mais de 60,000 belgas na Inglaterra, vestidos, sustentados e agasalhados pelos inglezes, e as historias terribes contadas por esta gente dos motivos que fizeram delles pobres e miseraveis fugitivos num paiz estranho estão enraivecendo o mundo inteiro. Pobre Belgica ! E' possivel que alguns dos soldados da "Kultur" leram Motley para aprender a renovar o terror dos hespanhoes ? "A guerra," responderá talvez o chanceller, "é, como disse o general Sherman, um inferno." Pois sim, é um inferno, e será uma damnção para os que a fazem do modo que a está fazendo a Allemanha agora na Belgica. Nem Sherman nem quaesquer outros americanos mandaram fuzilar uma esquadra de não-combatentes, de velhos, jovens e mulheres. Tem sido dito que isso foi uma necessidade militar; mas do nosso ponto de vista, alguns ao menos dos commandantes allemães na Belgica, embora penetrados de civilização allemã, são irmãos desses senhores mexicanos que são ladrões e assassinos um dia e generaes patrioticos no dia seguinte. Quando nos lembramos do incendio da bibliotheca de Louvain, quando lemos o outro dia a descripção da destruição da cathedral de Reims escripta pelo Sr. Whitney Warren, destruição que só podia ter sido deliberada, visto a posição daquelle edificio, contemplanos o perigo pan-eslavonico com a maior tranquillidade, pois estamos certos que não pode ser mais odioso do que a pratica pan-germanica.

Nem digo nada dos ultrajes e mutilações inexpressaveis de que se tem accusado os allemães. Posso chegar ao ponto de comprehender que os belgas, endoudecidos pelos allemães, tenham feito

cousas terriveis, mas recuso do acreditar, a menos de os ter visto com os meus proprios olhos, que os crimes de que tem accusado as tropas e os officiaes allemães possam ser verdadeiros. Provavelmente, quando se fizerem as contas ao fim da guerra, algumas das victimas ainda estarão vivas e poderão testemunhar. No entretanto, se estas accusações causam algum disturbio aos allemães, deve-se-lhe dizer que perdem o seu tempo commettendo a erianceice de offerecer como testemunhas uma duzia de jornalistas que percorreram a Belgica e não viram nada, ou de quererem nomear um juiz imparcial para investigar a questão. O que elles devem fazer é nomearem alguns juizes de alta posição e originarios de paizes neutraes, e enforearem todas as pessoas que esses juizes condemnarem pelos crimes de assassinio, rapto ou de pôr fogo aos predios.

O appello á America.

Dois dos varios appellos allemães á America merecem uma menção especial. O primeiro, intitulado *A Verdade*, faz-me lembrar uma palavra de Lessing que se os deoses tivessem numa mão a verdade e na outra a procura da verdade, o sabio diria: “ Dai-me a procura da verdade, pois a verdade não é para os mortaes.” O meu conselho ao Herr Ballin, ao Principe Bülow e aos seus collegas é que pensem bem nesta observação, e que deem instrucções aos seus editores para publicarem o mais rapidamente possivel uma edição corrigida e expurgada do seu folheto. O que elles dizem da neutralidade porem, é uma tal corja de tolices que a gente vê-se forçada a dizer ao Sr. Ballin: “ Vossa Excellencia é um dos mais rios negociantes do mundo. Pois então, uma obrigação da Companhia de vapores Hamburg-America, assignada por V. Ex., é valida ou é unicamente um pedaço de papel ? ”—e ao Principe Bülow: “ Vossa Excellencia é um *gentleman*. V. Ex. convida-nos a que duvidamos da sua palavra de honra ? ”

Perante o outro appello pelos Professores Rudolf Eucken e Ernst H. Haeckel ficámos um pouco perplexos, pois em 18 de agosto elles dizem: “ Sobre a Inglaterra unicamente cahirá a culpa monstruosa e a responsabilidade historica,” e em 31 de agosto declaram: “ só a Russia deve ser reprehendida pelo rebentar da guerra.” E’ a opinião delles que as queixas da Inglaterra com respeito ás violações do direito internacional não são outra cousa senão “ a mais atroz hypoerisia e o mais vil pharisaismo,” e a sua linguagem é tão lurida que embora tenham grandes nomes, devem-se considerar como sendo unicamente um par de velhos rabujentos.

Tem havido outros appellos ao povo americano que eu mesmo não li mas não valerão nada. E’ muito natural que esses cidadãos americanos que nasceram na Allemanha ou cujo pae ou mãe nasceram

na Allemanha, sympathizem com a Allemanha, porque ainda não perderam o habito de acreditarem o que se lhe diz de acreditar e de aceitarem como final tudo quanto é “ oficialmente annuciado.” Estes habitos tem motivado certos erros muito curiosos em certas partes da Allemanha com respeito ao que se está passando. Centenas de pessoas voltaram para a America da Allemanha durante estas ultimas seis semanas, e todas estas pessoas, até receberem os jornaes de Nova York á entrada do porto, acreditavam que todos os portos inglezes se achavam fechados por meio de minas, que não haviam vapores inglezes fazendo viagem para a America, que a gente do sul da Inglaterra estava morrendo de fome, que Leeds tinha sido destruido por bombas deitadas por um Zeppelin e que havia uma revolta na India.

Fiquei surprehendido, porem, pelo numero de allemães que dizem “ Desta vez o kaiser não tem razão nenhuma,” e que não sympathizam de modo algum com a Allemanha nesta guerra. Entre os americanos proprios pode-se dizer que os sentimentos são inteiramente a favor dos alliados, e entre as centenas e milhares de americanos que, como eu, estudaram e viveram na Allemanha, creio que a verdade é que a maioria delles pensam na Allemanha como a gente pensa num velho amigo que enlouqueceu. Cremos que os allemães estão doudos pelo militarismo e pela contemplação da sua propria grandeza e do seu proprio poder. Cremos que a Allemanha, embora seja uma grande e poderosa nação, com um exercito cuja perfeição e organização causam um sentimento quasi de terror, está soffrendo certas delusões fataes com respeito á sua posição no mundo, com respeito ao que o mundo pensa da Allemanha e com respeito a qual será o resultado desta sua grande aventura. Os allemães consideram que a essencia do estado é o poder; nada deve refrear o exercicio do poder nos interesses do estado; e por meio do poder unicamente o estado dá expressão á sua vontade; o individualismo está submergido no estado. Quasi que fundaram uma nova religião do poder e do valor, o declara-se em alta voz que o christianismo é uma religião acabada.

Estas theorias explicam muita cousa, embora não tudo, que até aqui tem acontecido durante a guerra. Mas tambem tem acontecido muita cousa que só se pode explicar por theorias da vida e do comportamento inteiramente diferentes. Como pôde a Allemanha, do seu proprio ponto de vista, explicar o facto que a Belgica recusou as suas moedas de prata, ou explicar a defesa pelos belgas dos seus lares e da sua individualidade até que chegaram a um logar na historia do mundo ao lado dos heróes gregos que morreram em Thermopylæ? Como pode a Allemanha explicar o imperio britannico mesmo? Na India existem 270,000,000 de pessoas governadas por menos de oitocentos homens brancos com um exercito insignificante. O Canada, a Australia, e a Nova Zelandia e as ilhas por toda a parte do globo, acham-se unidas á

Grã-Bretanha por pouca cousa mais do que uma bandeira e um idioma, e porem, começaram a deitar dinheiro e homens para combater a extensão da “Kultur” allemã e promettem ainda mais para evitar uma victoria final da Allemanha.

A Allemanha e o imperio colonial.

A mais perigosa illusão da Allemanha actualmente, segundo o meu parecer, é a sua illusão acerca de colonias e dum imperio colonial. Durante estes ultimos annos, a Allemanha tem pedido com mais e mais insistencia um lugar ao sol, e ao principio eu pensei que isso quizesse dizer que deviamos permittir aos allemães de tomarem os nossos assentos nos vagões das linhas ferreas e de acotovelarem as nossas filhas nas galerias de pinturas estrangeiras; mas na verdade, queria dizer que a Allemanha precisa de grandes colonias para alliviar a pressão da sua população, e colonias aonde os immigrants poderão ainda ficarem allemães e acharem, como diz Bernhardi, um modo de viver allemão. Se tivesse sido eserito no livro do destino que os allemães fossem uma potencia colonial, já ha muito tempo que teriam obtido as suas colonias — isto é, os allemães teriam ido para os lugares desertos do mundo, aonde se teriam estabelecido e que teriam melhorado, e a bandeira da sua patria os teria seguido. Não fizeram isso, e agora que a terra se acha completamente occupada, o unico meio pelo qual a Allemanha pode obter esse lugar ao sol é de apoderar-se por qualquer meio que seja duma cousa que pertence a outrem. Um dos meios intelligiveis de conseguir esse fim é pela conquista, o que parece ser um dos fins deste actual emprehendimento, mas tambem parece que o gôverno allemão tem tido em mente outros meios. Os interesses allemães no Marrocos, por exemplo, eram poucos e sem importancia, e porem, ha pouco tempo, se se deve acreditar o Professor Usher, o governo allemão tentou de se introduzir naquelle paiz por meio de *agents provocateurs*, dum modo que era tão deshonesto e estúpido como os feitos do almirante Diedrich na bahia de Manilla. (1)

Suppunhamos, porem, que os allemães se achassem de posse das suas colonias. Na minha opinião, a theoria allemã que se deve governar pela força, e, por conseguinte, a theoria allemã que se deve regulamentar tudo, publico e particular — conheci um caso aonde um guarda de policia mandou a um jovem americano que estava assobiando na rua que parasse — são incompativeis com a elasticidade e o tacto que são essenciaes na administração colonial,

(1) Usher: *Pan-germanismo*, pp. 17-18.

e, do que se pode julgar, por certo os allemães fariam fiasco com as suas colonias. Os escandalos immundos do Dr. Carl Potors e a despeza e as perplexidades da guerra com os Hereros ainda não foram esquecidas, e recordo-me que quando a Allemanha obteve uma das ilhas do Samoa, houve a maior difficuldade em fazer comprehender aos samoanos, que estavam-se untando com azeite ao sol, que era necessario quando passasse um official allemão que elles se levantassem e fizessem uma continencia.

A maior difficuldade com as colonias allemãs seria, porem, os allemães mesmos. Quando ollos vão pelo mundo fora não desejam oncontrar, como diz Bernhardi, um modo de viver allemão, mas sim um melhor modo de viver. Ha pouco ouvi contar por um amigo um bom exemplo. Encontrou um negociante allemão numa das cidades da Africa do Sul ingleza, e disselhe: “Que está vossê fazendo aqui? Parece-me que vossê deveria estar em tal e tal lugar” — a capital da mais proxima colonia allemã. O allemão respondeu: “Pois lá estive. Quando sahi da estação lá estava uma sentinella allemã com uma espingarda. Quando fui á casa do governador lá estava outra sentinella tambem de espingarda ao hombro. Depois de entrar na casa achei-me numa grande sala cheia de empregados publicos. Decidi então do sahir de lá e de vir para aqui, aonde tonho feito muito bom negocio.”

A verdade parece ser que a disciplina prussiana, quo tem sido tanto louvada, tem tido o resultado que se devia esperar — para um caso de suicidio em Londres ha tres em Berlim. Quando um allemão escapa áquella disciplina nunca mais torna a sujeitar-so á sua escravidão, e uma das cousas mais curiosas que se possam observar no mundo inteiro é que entre todos os milhões de allemães que largaram a patria desde 1848 para virem para este paiz, tão poucos jamais voltam para a Allemanha. Não é só questão de se acharem em melhores circumstancias, mas tambem adquirem gosto para a especie de liberdade que nunca conheceram na sua patria. Muitos mercenarios allemães que se alistaram aqui durante a guerra civil por causa dos fortes premios pagos aos recrutas, voltaram e estão vivendo das suas mesadas, e alguns banqueiros interuacionaes que nunca se arraigaram aqui tambom voltaram, mas entro numerosos amigos só ouvi falar dum allemão que tinha enriquecido e que voltou para passar a velhice na sua antiga partria. Era um fabricante de cerveja que tinha ganho algumas centenas de mil dollars e que então se fez construir uma casa na freguezia allemã daonde tinha emigrado, casa tal como ua sua imaginação de creança se tinha figurado para a sua velhice, e para lá foi acabar os seus dias. Ao fim de dois mezes de lá fugiu e disse: “Por mil diabos! não fico cá nem mais um minuto,” — e voltou para o seu logar no Middle West (os Estados centraes dos Estados Unidos). Não gostava da ingerencia continua nos seus negocios particulares.

Ha muitos annos tomei parte no estabelecimento nesta cidade

dum systema de gabinetes de leitura, e uma noite o Sr. Oswald Ottendorfer, fundador e proprietario da *Staats-Zeitung* desta cidade, mandou-me chamar a mim e a dois dos meus collegas e disse-nos que se interessava na nossa obra e tencionava dar-nos um gabinete de leitura cujos libros forneceria. Continuou dizendo: “Tenciono pôr uma condição a essa dadiva. Não me faço illusões com respeito ao meu povo. Eu sou allemão, e enquanto houver immigração allemã para este paiz haverá aqui um elemento allemão, mas com o cessar da immigração o elemento allemão desaparecerá. Os allemães esquecem-se da sua lingua, não conservam os vinculos com a velha patria e finalmente acabarão de existir como elemento distincto. Espero que contribuiremos ao typo americano final certas qualidades de perfeição, de honradez e de bons cidadãos, mas como elemento distincto acabaremos. E a condição que liguei a esta dadiva é que uma grande sala subterranea será destinada a conservar os registros das sociedades allemãs á medida que estas se apagarem.” Esse gabinete de leitura ha muito que se fundiu com a grande bibliotheca publica de Nova York. A sala subterranea lá está, e creio que lá se acham já os registros e livros de uma ou duas sociedades allemãs.

O Sr. Ottendorfer tinha razão. Os allemães nos Estados Unidos são dos melhores, mais sãos e mais valiosos dos nossos cidadãos, mas de todos os povos os allemães são os que menos prezam a nacionalidade. Neste paiz os inglezes, os escossezes, e até os irlandezes falam da “patria” por muitas gerações. Os escandinavos fretam navios para passarem o natal na “patria”; muitos delles que enriquecem voltam para o seu paiz para lá passar a velhice. Os russos e outros povos eslavonicos voltam por milhares e levam a lingua ingleza comsigo, a tal ponto que houve uma vez uma eleição para o reichsrath austriaco em inglez. Os italianos voltam por dezenas de milhares, e quasi que não se pode encontrar uma cidade na Italia em que não vive algum num pequeno *villino* que fez fortuna na America. Mas, como disse, pode-se dizer que os allemães nunca voltam. Tornam-se americanos, do mesmo modo que na Australia se tornam australianos, e lá estão agora sustentando a sua nova patria contra a antiga, ou como se tornam brasileiros, chilenos, americanos do centro, e mesmo haitianos, e os seus filhos mulattos ficam inteiramente fóra da civilização allemã.

A resposta da America aos appellos.

Os editores de Herr Ballin e do Príncipe Bülow, na sua versão da *Verdade*, gritam, “Ouçam, ó gentes.” Talvez eu lhes possa responder: tornem a ouvir. Vós tendes canhões como nunca se viram nem sobre a terra nem sobre o mar, mas não podeis conservar

os corações da vossa gente. Querem cousa maior do que lhe podeis dar. O vosso designio de conferirdes “ a paz, a luz e a prosperidade ” sobre o resto da terra, a terra não o quer aceitar. Vós sois unanimes hoje e esplendidos com os vossos esforços futeis para realizardes os vossos ideaes, mas o general Nogi, o conquistador de Port Arthur, disse : “ Prevejo mais duas guerras, uma das quaes terá logar nas planicies da Belgica, e deixará a Allemanha tão derrotada e amedrontada que não haverá outra guerra por cem annos, ou talvez nunca.” Tornai a ouvir as preces de mais milhões do que vós jamais sereis, que o resultado da guerra seja esse, e renunciái os vossos falsos deoses, prestai attenção ao vosso grande destino, tornai a darnos a Allemanha de Luther, de Beethoven, de Goethe, de Schiller e de Kant, e tratai de reconhecer que o vosso destino sobre esta terra não é de serdes donos della mas sim de fertilizardes outras nações — como tendes feito durante mil annos.

NB

